

VIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXIII Jornadas de Investigación XII Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2016.

Discursos sobre letramento em periódicos brasileiros.

Silva, Marcos Antonio Batista Da.

Cita:

Silva, Marcos Antonio Batista Da (2016). *Discursos sobre letramento em periódicos brasileiros. VIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXIII Jornadas de Investigación XII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-044/453>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eATh/wuq>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

DISCURSOS SOBRE LETRAMENTO EM PERIÓDICOS BRASILEIROS

Silva, Marcos Antonio Batista Da
Centro Universitário FIEO, Osasco, SP. Brasil

RESUMEN

Esta comunicación tiene como objetivo presentar y discutir un proyecto de investigación en el desarrollo que tiene como objetivo analizar los discursos relacionados con el letramiento en la investigación realizada en Brasil y se publicó en 1995 y 2015. La investigación se inserta en la línea de investigación Los procesos educativos en el contexto social y político- Programa de posgrado Psicología de la Educación de la Universidad del Centro FIEO. Como este tipo de publicaciones sitúan el concepto de letramiento? ¿Qué ajustes en las desigualdades de género, étnico-racial y la edad son posibles de captar en las publicaciones sobre letramiento? ¿Qué temas, áreas de conocimiento y nivel de educación son más a menudo ocupados estas publicaciones? Así, una investigación descriptiva, cualitativa y cuantitativa se llevará a cabo, que cubrirá un uso retrospectivo de letramiento letramiento plazo en Brasil a la luz de la teoría de letramiento así como las contribuciones teóricas sobre las desigualdades educativas en Brasil. El punto de vista de la investigación consiste en adoptar como metodología, la profundidad de la hermenéutica (HP) propuesto Thompson (2011), y las referencias teóricas y metodológicas Bardin (2011).

Palabras clave

Letramiento, Publicaciones, Psicología de la Educación, Desigualdades

ABSTRACT

SPEECHES ON LITERACY IN BRAZILIAN PERIODIC

This communication aims to present and discuss research project in development that aims to analyze discourses related to literacy in research conducted in Brazil and published in 1995 and 2015. The research is inserted in the line of research "Educational processes in the social and political context" Educational Psychology graduate program of the University Center FIEO. As such publications situate the concept of literacy? What settings on gender inequalities, ethnic-racial and age are possible to grasp in publications on literacy? Which topics, areas of knowledge and level of education are more often busy these publications? Thus a descriptive, qualitative and quantitative research will be carried out that will cover a retrospective use of the term literacy in Brazil in light of the theory of literacy contemporary authors, as well as theoretical contributions on educational inequalities in Brazil. The perspective of the research is to adopt as a methodology, the depth of hermeneutics (HP) proposed J.B. Thompson (2011). Therefore, categories of analysis will be built, from themed cutouts based on the object of research and theoretical and methodological references Bardin (2011).

Key words

Literacy, Educational Psychology, Inequalities, Periodicals

INTRODUÇÃO

Está pesquisa propõe analisar discursos sobre letramento publicados no Brasil de 1995 a 2015. Entende-se que a produção de conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de investigar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência (DAYRELL; CARRANO, 2009, p.7). O exercício de recuperação analítica da produção sobre letramento no Brasil tem um início que o demarca e que prossegue de maneira ampliada com esta pesquisa. Assim, para compreendermos o conceito de letramento, torna-se importante que façamos uma retrospectiva do uso do termo no Brasil. No Brasil, o termo letramento foi introduzido através da literatura de Mary Kato nos meados da década 1980. Uma das primeiras ocorrências está no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Dois anos mais tarde, em *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, Tfouni (1986), em sua tese de doutorado, distinguiu alfabetização de letramento - enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por uma pessoa, ou um grupo de pessoas, o letramento dá ênfase aos aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. Para Soares (2001), talvez seja esse o momento em que letramento ganha estatuto de termo técnico no léxico dos campos da Educação e das Ciências Linguísticas. "Letramento é a palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas: é a na segunda metade dos anos 80, [...] que surge no discurso dos especialistas dessas áreas" (SOARES, 2001, p.15). Desde então, a palavra torna-se cada vez mais frequente no discurso escrito e falado por especialistas, particularmente pelo lançamento do livro de Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita, Kleiman (1995). Segundo Kleiman (1995), por um lado, o conceito de letramento começou a ser introduzido nos meios acadêmicos buscando como tentativa separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita. Para Kleiman (1995) eximem-se dessas conotações os sentidos que estudiosos como Paulo Freire (1980) atribuíram à alfabetização, isto é, que a vê como capaz de levar a pessoa analfabeta a organizar reflexivamente seu pensamento, desenvolver a consciência crítica e introduzi-la num processo real de democratização da cultura e de libertação. Por outro, os estudos sobre letramento examinaram o desenvolvimento social que acompanhou a expansão dos usos da escrita desde o século XVI, tais como as mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas. Aos poucos, os estudos sobre letramento foram se alargando para descrever as condições de uso da escrita, a fim de determinar como eram, e quais os efeitos, das práticas de letramento em grupos minoritários, ou em sociedades não industrializadas que começavam a integrar a escrita como uma tecnologia de comunicação de grupos que sustentavam o poder. Isto é, os estudos sobre letramento pressupunham que os efeitos estariam relacionados às práticas sociais, culturais dos diferentes

grupos que usavam a escrita (KLEIMAN, 1995). Entende-se que na contemporaneidade, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. A preocupação com o analfabetismo funcional tem levado pesquisadores a se dedicarem ao conceito de letramento. Em seu artigo intitulado Alfabetização e letramento: qualidade e desigualdade, Azevedo (2011) assinala que o sistema de ensino no Brasil tem sido questionado por apresentar resultados insatisfatórios no que se refere à qualidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito. A autora sublinha que apesar das mudanças e dos investimentos do governo, alunos da escola pública no Brasil, não conseguem competir no contexto social com os demais, na continuidade de seus estudos e inserção no mercado de trabalho. Um exemplo citado por Azevedo (2011) é que parte dos alunos formados na educação básica (ensino fundamental e médio) têm dificuldade de compreensão texto e leitura. As reflexões da autora encontra respaldo no Relatório Educação para Todos no Brasil- 2000-2015, (2014). Entende-se que quanto mais ampliamos o nosso olhar para o processo de letramento, no que tange as desigualdades educacionais, em todos os níveis de ensino, inclusive no ensino superior, melhor será o processo de escolarização e a busca de equidade no sistema educacional na sociedade brasileira. Podemos citar como exemplo, a necessidade do sistema de nivelamento de Língua Portuguesa e Matemática, utilizados por muitas universidades visando à melhoria do rendimento escolar e para ajudar os alunos nos anos iniciais do ensino superior. Isto posto, parece-nos, então, oportuno efetuar para a literatura da Psicologia Educacional questões equivalentes àquelas que vêm sendo postas para outras produções discursivas sobre letramento, publicadas em portais de periódicos, a saber: PePSIC, SciELO e LILACS. Como tais publicações situam o conceito de letramento? Que configurações sobre as desigualdades de gênero, étnico-raciais e idade são possíveis de se apreender em publicações sobre letramento? Quais temas, áreas do conhecimento e nível de ensino têm ocupado com maior frequência essas publicações?

JUSTIFICATIVA

Apesar do aumento das taxas de participação, a desigualdade entre a população branca e outros grupos (negro, indígenas) ainda é muito grande, principalmente, ao se considerar que dados do último Censo Demográfico (2010) no Brasil indicam que a distribuição por cor/raça na população geral, considerando brancos e negros, está próxima da equivalência, com uma presença um pouco maior de negros. Vale destacar que a coleta do campo cor/raça no Censo Escolar da Educação Básica completou dez anos. Diante deste marco histórico, o INEP está lançando uma campanha para sensibilização de gestores escolares e técnicos envolvidos com o Censo para o preenchimento desta informação. Este é um campo que, eventualmente, enfrenta certa resistência da sociedade brasileira em ser coletado. Por que coletar cor/raça? Para quê? Para provocar algumas reflexões, vale apontar para este estudo alguns dados da realidade educacional brasileira, desagregados por cor/raça, disponibilizados no portal do Inep, com base nos dados do Censo Demográfico de 2010 que investigou as taxas de alfabetização dos grupos indígenas “a capacidade de ler e escrever em língua indígena ou em língua portuguesa. Por exemplo, quando analisamos a população que vive em terras indígenas na faixa etária entre 10 e 14 anos, a taxa de alfabetização é de 78%, e na faixa de 15 a 19 anos chega a 82%. Entre as pessoas com 15 anos ou mais e que vivem em terras indígenas, esta taxa é de 67,7%. Estes dados evidenciam o impacto das políticas recentes voltadas à educação

indígena, que ampliou o acesso à educação básica deste grupo populacional. No entanto, ainda há disparidades significativas quando observamos os dados referentes à média da população brasileira não indígena, cuja taxa de alfabetização é de 90,4%, ou seja, em todos os grupos etários observados as taxas são mais baixas para a população indígena do que a média nacional (média esta que também inclui os indígenas). Os dados coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2013, sobre as taxas de analfabetismo no Brasil, evidenciam disparidades também entre outros grupos étnico-raciais. A taxa de analfabetismo entre negros (11,5%), considerando-os a parcela de pardos e pretos, permanece o dobro da taxa entre brancos (5,2%). Além disso, quando comparamos a média de anos de estudo de instrução formal entre os segmentos populacionais, a partir de dados desagregados por cor/raça, também é possível observar uma diferença significativa. Para a população que se declara branca, esta média é de 8,8 anos. No caso da população negra, é de 7,2 anos. Quando observamos a taxa de frequência líquida, que é calculada a partir do percentual de alunos na faixa etária adequada para uma determinada etapa sobre o total da população da faixa etária prevista para a etapa referida, podemos atestar a universalização da escolarização em algumas etapas de ensino. Vale chamar a atenção para a etapa do ensino médio, cuja frequência líquida é bastante inferior à de outras etapas da educação básica: apenas 55,1%. Mas, quando observamos a taxa de frequência líquida desagregada por cor/raça, a diferença se destaca: 63,7% da população branca e 49,3% da população negra na faixa etária correspondente frequentam esta etapa. Ou seja, a frequência de negros é significativamente inferior a de brancos. Esta situação é ainda mais grave para o ensino superior, cuja taxa de frequência líquida brasileira é de 16,3%. A população branca tem o dobro da frequência da população negra: 23,4% e 10,7%, respectivamente. O panorama apresentado demonstra como as populações negra e indígena, apesar dos avanços recentes, ainda enfrentam dificuldades em acessar e permanecer nos diversos espaços educacionais. A desigualdade observada nos indicadores educacionais evidencia de que modo à inclusão do campo cor/raça garante maior detalhamento na análise do perfil educacional dos brasileiros. O quesito permite que políticas voltadas à eliminação de desigualdades históricas entre grupos sub-representados (negros, indígenas) possam ser elaboradas, implementadas, monitoradas e avaliadas.

TEORIA E MÉTODO LETRAMENTO

De acordo com Kleiman (1995, p.19) “Podemos definir o letramento com um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistemas simbólicos e enquanto tecnologia, em contextos específicos”. Autores como (SOARES, 2001; KLEIMAN, 1995; AZEVEDO, 2011) dão ênfase à necessidade de se considerar o ambiente social em que o sujeito está interagindo, isto é, suas práticas de leitura e escrita, voltadas às necessidades de uso social. Ou seja, o sujeito passa a ser visto como membro de uma coletividade, e o conceito de letramento adquire a concepção de conjunto de práticas sociais. Apesar de estarem indissolúveis e interligadas, escrita, alfabetização e letramento nem sempre têm sido enfocados com um conjunto pelos estudiosos. Para Tfouni (1995), enquanto os sistemas de escrita são um produto cultural, a alfabetização e o letramento são processos de aquisição de um sistema escrito. Para a autora, a alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem (a alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual). Por sua vez, o letramento, focaliza os as-

pectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Na sequência desta discussão sobre letramento, vale ressaltar o surgimento de novas tecnologias de comunicação que tem modificado muitas atividades na contemporaneidade. Tais modificações também têm atingido o processo de alfabetização e letramento, levando pesquisadores a investigar sobre as consequências dessas novas práticas na sociedade. Entende-se que o crescente aumento na utilização das novas ferramentas tecnológicas (computador, internet, tablets, celular) na vida social tem exigido dos cidadãos a aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos. Por essa razão, alguns estudiosos começam a falar no surgimento de um novo tipo, paradigma ou modalidade de letramento, que têm chamado de letramento digital (FREITAS, 2010; BUZATO, 2009; SOARES, 2002). Neste contexto, os autores buscam uma melhor compreensão do conceito de letramento, confrontando tecnologias. Argumenta-se que as tecnologias têm determinados efeitos sociais, cognitivos e discursivos, resultando em modalidades diferentes de letramento, o que sugere que a palavra seja pluralizada: há letramentos, não letramento.

DESIGULDADES EDUCACIONAIS

A Educação para todos é um compromisso global firmado por centenas de governos reunidos na Cúpula Mundial de Educação, em Dakar (2000), para oferecer a todas as crianças, jovens e adultos uma educação que satisfaça suas necessidades básicas de aprendizagem, no melhor e mais pleno sentido do termo, e que inclua aprender a aprender, a fazer, a conviver e a ser. Ou seja, ampliar e aperfeiçoar os cuidados e a educação para a primeira infância. A análise de estudos, através da revisão de literatura sobre desigualdades educacionais poderão nos ajudar a entender a Educação brasileira nas variadas etapas de ensino.

MÉTODO

A perspectiva da pesquisa é adotar como método a hermenêutica de profundidade (HP) – proposta de Thompson (2011). A HP é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas (THOMPSON, 2011, p. 363). Para o autor as formas simbólicas, são as ações, falas, imagens e textos recebidos, reproduzidos e colocados em circulação. Esta perspectiva de análise é fundamentada no estudo da maneira como as formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas, investigando os contextos e processos socialmente estruturados e historicamente específicos. Nesta pesquisa, as formas simbólicas são os discursos sobre letramentos publicados em periódicos. Thompson (2011) compreende a aplicação da HP em três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação (ou reinterpretação). Utilizaremos também a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Para proceder à análise, elaboraremos manuais, que são grades analíticas e contém não apenas o rol de categorias, mas também sua definição. Assim, trabalhamos com dois tipos de manuais que correspondem a três unidades de análise: biblioteca eletrônica de periódicos científicos, artigos publicados, resumo dos artigos. Os resultados relacionados a cada categoria de análise serão organizados em planilhas, agrupados e reagrupados de acordo com a necessidade de apresentação dos resultados.

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, Cleomar. (2011). Alfabetização e Letramento: Qualidade e Desigualdade. In: XI Congresso Luso Afro de Ciências Sociais, Salvador.
- Bardin, Laurence. (2011). Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Capa de Edições 70.
- BRASIL. INEP. (2015). 10 anos do campo cor/raça no Censo Escolar. Brasília. Recuperado em 30 abr. 2016, de <http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb>.
- BRASIL. MEC. (2014). Relatório Educação Para Todos No Brasil- 2000-2015. Brasília, MEC. Recuperado em 30 abr.2016, de <http://portal.mec.gov.br>.
- Buzato, Marcelo El Khouri. (2009). Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC. DELTA, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 01-38.
- Dayrell, Juarez; Carrano, Paulo. (2009). Prefácio. In Sposito, M. P. (Org.) Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais, serviço social (1996-2006), vol. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Freire, Paulo. (198). Educação como prática da liberdade. 10ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freitas, Maria Teresa. (2010). Letramento digital e formação de professores. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2013) Síntese de Indicadores Sociais 2010: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Recuperado em 8 mai. 2016, de <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>
- Kato, Mary. (1986). No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática.
- Kleiman, Angela B. (1995). Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de letras.
- Soares, Magda. (2002). Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez.
- Soares, Magda. (2001). Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica.
- Tfouni, Leda Verdiani. (1986). Adultos não-alfabetizados: o avesso do avesso. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Thompson, J. B. (2011). Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.